CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JOHN BERGER
20 de novembro de 2026

TAŞKAFA, STORIES OF THE STREET / 2013

Um filme de Andrea Luka Zimmerman

Realização, Direção de Fotografia: Andrea Luka Zimmerman / *Argumento*: Andrea Luka Zimmerman, Gülen Hurley, John Berger (romance *King: A Street Story*) / *Montagem*: Alper Sem / *Produção*: Gülen Hurley / *Produção Associada*: Bill McAlister / *Participação*: John Berger (voz-*over*) / *Cópia*: Digital, falado em turco, inglês, alemão, legendado em inglês e com legendagem eletrónica em português / *Duração*: 67 minutos / *Estreia Mundial*: 12 de abril de 2013, Festival de Cinema de Istambul / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Com a presença de Andrea Luka Zimmerman e Gareth Evans. Sessão com apresentação e seguida de conversa após projeção.

***

Este é, antes de mais, um filme realizado numa colaboração íntima com a escrita de John Berger e particularmente sintonizado com o seu romance *King: A Street Story*. Trata-se esta de uma obra, de escrita tanto poética quanto ensaística, que produz o retrato de uma comunidade de sem-abrigo habitando as ruas de Saint Valéry e a partir da perspetiva singular de um cão chamado King. Quanto a este documentário, também ele de natureza híbrida, semi-ensaística, da autoria de Andrea Luka Zimmerman, artista de origem alemã, com residência no Reino Unido, é uma espécie de tributo a essa comunidade de marginais "de quatro patas" que povoa, sem trela, o espaço da cidade. Na sua "nota de intenções", Zimmerman explicou-se nestes termos: "**Taşkafa** não é, em última análise, sobre cães. Trata-se da forma como as pessoas procuram, ainda hoje e sobretudo nos dias de hoje, pertencer a um contexto mais amplo do que elas próprias, um contexto que respeite as outras criaturas e deseje que estas desempenhem um papel significativo nas suas vidas."

A verdade é que a partir desse olhar muito singular sobre nós, os humanos, a câmara de Zimmerman dá-nos a ver – e, mais importante, a sentir – uma certa forma, *finalmente livre*, de partilha e reconstrução do espaço urbano. Na cidade de Istambul, encontrou o estudo de caso perfeito, já que esta é uma cidade que desde tempos imemoriais se debate com o problema da ocupação das ruas por cães vadios. Entre políticas públicas que visam eliminar a presença dos caninos nas ruas e uma comunidade de afetos e plena coexistência entre os animais e os residentes humanos, este documentário apresenta os seus argumentos, inclinando-se favoravelmente no sentido da defesa da constituição de uma comunidade humana que não exclua, bem pelo contrário, os seus mais fiéis companheiros não-humanos. O cão-deus (em inglês "dog" é anagrama de "god") chamado Taşkafa pertence à história lendária da cidade: um cão protetor das ruas e líder maior entre os rafeiros habitantes da cidade. Para se circular em liberdade e segurança por Istambul, o visitante não tinha outro remédio que não o de reconhecer a presença de Taşkafa. Era o papa de uma comunidade que, na ótica de Zimmerman, tem tanto direito à cidade quanto nós, os humanos.

O documentário, pontuado por leituras do próprio John Berger desse seu romance saído em 1998 (Berger voltaria a colaborar com Zimmerman em **Estate, a Reverie** [2015], outro filme sobre

uma comunidade, desta feita humana, igualmente marginalizada), sustenta de maneira flagrante e quase sem reservas esta visão comunitarista que integra os animais na cidade e procura equivale-los a cidadãos de pleno direito. Talvez o mais interessante aqui sejam, enfim, as histórias que os transeuntes contam e que, juntas, ajudam a entender os termos da coabitação. Cães que protegem lojas e que, por isso, são premiados pelos proprietários com alimentação e uma casota, animais que vão à procura desta e daquela pessoa para fazer dela "o seu melhor amigo", o que, no caso de um ex-presidiário, cuja história canina o leva às lágrimas, pode significar fazer do dono uma pessoa inteira e plenamente humana; enfim, cães que compõem a paisagem e a mitologia de uma cidade em rápida modernização. Istambul sem eles não será a mesma cidade – isso é certo.

A dado momento, a câmara operada por Zimmerman, em modo também ele "rafeiro", perfeitamente empático com esse olhar canino sobre as ruas, dá de caras com uma manifestação em defesa da presença dos cães na cidade, repudiando a pressão pública e política no sentido da sua colocação em canis municipais. Os cães parecem ser os últimos seres a saberem como (dar a) viver o espaço da cidade em perfeita liberdade – parece ser isso que os manifestantes também defendem, acalentando a esperança de que essa mesma liberdade possa continuar a inspirar os residentes humanos. Talvez a dimensão poética nos pareça desfasada ao dia de hoje, quando as cidades medem o seu apelo e grau civilizacional de acordo com valores como o asseio, a calma e a ordem. No entanto, até onde queremos levar o processo de "esterilização turística" das nossas capitais? E deste modo não estaremos a afugentar das nossas ruas a pouca vida que lhes resta e parte da sua história? É como diz um dos transeuntes apanhados pela câmara de Zimmerman: "Os humanos são selvagens. Matamos pessoas e animais, e destruímos a natureza. Haverá algo mais selvagem do que isso?" Afirme-se, enfim, alto e bom som: abram alas aos animais!

Luís Mendonça